

12-1-2015

A Missão dos Jesuítas na China nos Sécs XVI-XVII

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). A Missão dos Jesuítas na China nos Sécs XVI-XVII. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol25/iss25/45>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

vida cristã – a sua Comunidade de inserção batismal e à família cristã em que se vive, lembrando que só se é cristão em conjunto com outros cristãos, na grande união da “comunhão dos santos”.

In «Encontro» n.º 401 – agosto/setembro 2007

A MISSÃO DOS JESUÍTAS NA CHINA NOS SÉCS XVI-XVII

Das duas primeiras fases da evangelização na China, parece pouco ter ficado: algo, ao menos uma certa lembrança, permaneceu, provado por dois factos:

– Em plena Mongólia, perto de Xiang, na biblioteca de um antigo mosteiro escavado na rocha e onde viviam alguns monges budistas, mas que a tradição local dizia ter sido de uns monges antigos vindos do Ocidente, foram encontrados por arqueólogos, em 1907, uns 6.000 códices, escritos em sírio e chinês, onde se liam frases do Evangelho, cotejadas com sentenças budistas. Os códices foram levados para Paris e Londres (sobretudo o British Museum), e extratos interessantes foram publicados com o título “OS SUTRAS DE JESUS”. “SUTRA” é um termo budista que significa “linha de rumo”, no caso, “Caminhos de Sabedoria”.

– Outro facto a mencionar, é que, quando os Jesuítas chegaram a Pequim, ouviram falar de uns grupos, no norte da China, que se autointitulavam “os Adoradores da Cruz”. O P. Matteo Ricci, chefe do Grupo missionário, deu a notícia ao Geral da Companhia, P. Acquaviva, e recebeu dele recomendação de indagar se se tratava mesmo de grupos cristãos, que poderiam ser restos dos cristãos arménios, trazidos para ali à força pelo conquistador mongol, o terrível Gengis-Khan, ou se seriam algo do que ficou da evangelização ao longo da “Rota da seda” (pois Marco Polo refere ter encontrado pequenas comunidades cristãs quando por ali viajou), se algo que era fruto das pregações franciscanas na corte do Grão-Khan mongol. P. Ricci não sabia dar resposta. Mas quem a deu, foi um jesuíta açoriano, o P. Bento Gois, mais tarde famoso missionário no Japão (deixou escrita uma “História do Japan”, de que vi um exemplar guardado na biblioteca da Universidade de Ottawa). Sabendo em Goa dessa notícia de “adoradores da Cruz”, o valente Jesuíta meteu-se a pé, desde Goa, atravessou os Himalaias, entrou nas

caravanas que iam para o norte, e foi procurar esses eventuais restos de cristãos. Passando no regresso por Pequim, contou ao P. Ricci que esses grupos tinham resquícios de cristianismo, mas estavam por evangelizar. Usavam fazer o sinal da cruz sobre os alimentos e a bebida, mas nem sequer sabiam qual era o significado da cruz. O P. Ricci transmitiu a curiosa notícia ao General da Companhia e, infelizmente, ninguém pensou em reevangelizar esses Grupos, ficando “tudo como dantes” .

A novidade da Missão na China

A novidade foi o esforço do P. Ricci e seu companheiro o P. Michele Ruggieri, por penetrarem dentro da cultura chinesa, aprendendo a língua, contactando sobretudo com os letrados do país e o pessoal da Corte, incluindo o Imperador, tentando experiência de uma inicial inculturação de valores cristãos. Os dois apresentaram-se como “Sábios do Ocidente”, que traziam instrumentos científicos para mostrar. Estudando o fundo religioso ou para-religioso do povo, notaram que era marcado por ideias tradicionais do Taoísmo e do Confucionismo. “Tao” (ou a divindade do Céu), é a exigência ética de que a sociedade humana, cada indivíduo em si, reflita a Harmonia que existe no Céu consigo, com os outros, com a Natureza. Outro ponto que descobriram foi a importância dada à família, a qual inclui tanto os vivos como os falecidos; daí o valor dado à veneração e respeito pelos antepassados, honrando-os com gestos de vénia (diante de sua foto, imagem ou sepultura) e oferta de flores e alimentos. Mas esse sentido da cultura local, não foi invenção do P. Ricci. Tomou-o da experiência intercultural do P. Roberto de Nobili (1609-10), na Índia e Maduré.

Ricci e Ruggieri apresentaram-se como “Sábios” vindos do Ocidente, e não como promotores de uma nova religião, o que faria desconfiar as autoridades, sempre receosas de que os intrusos viessem provocar alguma nova revolução; por isso, passar de Macau para o Continente, podia significar pena de morte.

Enquanto estavam em Macau, aprofundaram o conhecimento da língua e da cultura popular, e prepararam-se para, através de Cantão, irem até Pequim. Macau tornara-se portuguesa entre 1514 e 1557. Em 1565, estava lá instalada uma Comunidade jesuíta, e Macau passou a diocese em 1576. Metem-se no caminho de Pequim em 10 de Setembro de 1583, chegando à capital em 1601. Ricci ia vestido de banzo budista. Descobrimo que os letrados não apreciavam nem os bonzos, nem o budismo nem o Taoísmo, Ricci mudou de traje e tomou a túnica de seda dos letrados, e mudou o seu nome para LIMA-TOU. À sua frente, enviou uma carta encomiástica ao

Imperador, professou-lhe obediência, e pediu licença para ficar e mostrar os objetos trazidos do Ocidente, os quais fizeram grande sucesso na Corte imperial e junto dos letrados. Eram: um mapa mundi, por onde puderam ver que a China era um grande país, mas não era o centro do mundo como pensavam; um clavicórdio (antepassado do piano, que dava bela música); um astrolábio para navegação no mar. Mas o que fez abrir a boca de espanto, foram “as máquinas para medir o tempo” – os relógios que Ricci mostrou, tendo desmontado e remontado um, para verem como era por dentro. O Imperador quis dois. Ricci instalou-os no Palácio Imperial, mas ia ele mesmo dar-lhes corda cada manhã, guardando a chave consigo. Entretanto, aos letrados deram explicações de matemática, geometria e astronomia. O Imperador pediu a Ricci que elaborasse o calendário imperial e previsse os eclipses, o que ele aceitou fazer. Mais tarde recomendará ao Geral da Companhia que haja sempre um “Irmão astrónomo na China”, para serviço do Imperador. Este foi mais longe; pediu “aos sábios do Ocidente” que fabricassem um canhão (tarefa mais difícil de executar), igual aos que os portugueses tinham em Macau para se defenderem dos piratas.

Entretanto, que sucedera às Comunidades cristãs criadas no século XIV pela Missão Franciscana? Simplesmente, na China e na Pérsia, foram “engolidas” por um conjunto de circunstâncias adversas.

Na viragem para o século XX, havia na China: 3 dioceses, 5 Vicariatos Apostólicos, 117 missionários (59 jesuítas), 200.000 cristãos.

In «Encontro» n.º 409 – maio 2008

ANO PAULINO

1. O ANO JUBILAR DE S. PAULO

Foi em 25 de Janeiro passado, no encerramento do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos, que, em breve homilia feita no termo da celebração das Vésperas, o Santo Padre anunciou a celebração de um Ano Jubilar em memória de S. Paulo, afirmando: “tenho a alegria de poder anunciar oficialmente que será dedicado ao Apóstolo S. Paulo um Ano Jubilar, a ser aberto em 28 de Junho deste ano e que durará até 29 de Junho de 2009, celebrando o segundo milénio do seu nascimento.